

## **Narrativas de guerra: a história representada na literatura de António Lobo Antunes**

Raphael Coutinho Santos

Historiador

A mitologia grega nos conta a história de Sísifo, um mortal astucioso que ficou conhecido, além de condenado ao castigo de rolar eternamente um enorme rochedo montanha acima, também por enfrentar com insolência os deuses.<sup>1</sup>

Numa de suas aventuras, Sísifo confidenciou ao deus-río Asopo, em troca de água para a cidade de Corinto, quem seria o autor do rapto de sua filha Egínea, a saber: Zeus. Pela inconfidência, Zeus encarregou a Tânatos, personificação da morte, que o arrebatasse ao mundo subterrâneo, morada do deus Hades. Sísifo, entretanto, pregando mais um de seus ardis, enganou e acorrentou Tânatos, a morte. E durante muito tempo o barqueiro Caronte não atravessava uma alma sequer pelas águas turvas do Aqueronte; o reino de Hades não angariava uma alma *nua e ofegante*, nem o barqueiro seu óbolo. Hades recorreu a Marte, deus da guerra, para que libertasse Tânatos. Descontando o fato de que Sísifo foi a primeira vítima de Tânatos depois de liberto, uma coisa é certa, segundo podemos inferir da mitologia grega: é a guerra quem liberta a morte.

### **INTRODUÇÃO:**

Foram inúmeras as contribuições da escola dos *Annales* para a historiografia, entre elas pontuam-se aqui as contribuições à metodologia. O que ocasionou na escolha de novos tipos de fontes e temas; identifica-se a isso, desde então, o signo da interdisciplinaridade. Com o auxílio de novos campos do conhecimento pode-se explorar novos objetos, lançando sobre esses novos problemas. Nesse percurso surge a História Nova, correspondente à terceira geração dos *Annales*, cujo lema de base é: “novos problemas, novas abordagens, novos objetos”.

A História Nova, que também já foi identificada como História das Mentalidades, ampliou a sensibilidade historiográfica para novas abordagens. A partir daí, temas como a morte, a loucura, a sexualidade, passaram a ser recorrentes no trato historiográfico

---

<sup>1</sup> BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986 V. 1, p. 226

com o auxílio de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, uma abordagem psicológica, antropológica ou do imaginário.

Haja vista as novas perspectivas da pesquisa historiográfica, nossa proposta metodológica é analisar, sob a orientação da História e da Psicanálise, o romance de António Lobo Antunes, **Os cus de Judas**, como testemunho de sua experiência de guerra. Apesar de destacarmos **Os cus de Judas**, por estar ambientado no cenário da guerra de Independência de Angola, os outros dois livros (**Memória de Elefante** e **Conhecimento do inferno**) estão repletos de momentos em que o autor recorda situações vividas em guerra. Vale lembrar que Marc Bloch, no clássico **A apologia da História**, disse que “a diversidade do testemunho histórico é infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001; p. 79).

#### A HISTÓRIA ENTRE A MEMÓRIA E A NARRATIVA:

A Guerra de Independência de Angola, datada entre 1961-1974, começou como motins contra colheitas forçadas nas plantações de algodão; e, como consequência à repressão dos motins pelos portugueses, movimentos separatistas de guerrilha passaram a atacar os colonos portugueses. O governo Salazar, dando início à Guerra Colonial, reprime os movimentos de libertação por meio do envio de tropas para as colônias em África. Outras colônias ultramarinas, como Guiné-Bissau e Moçambique, também organizam movimentos de libertação por meio da luta armada. Às sublevações das colônias ultramarinas portuguesas dá-se o nome de Guerra do Ultramar.

Guerra do Ultramar que implica no confronto entre as forças armadas portuguesas no sentido de manter o domínio sobre as províncias Ultramarinas (Angola, Guiné-Bissau e Moçambique), as quais buscavam por meio de forças organizadas a autonomia de Portugal, autonomia já reconhecida pela ONU (Organização das Nações Unidas) na época do confronto. Portugal, por sua vez, buscando a manutenção do regime colonialista passou a reprimir as milícias de frente de libertação que se formavam e ganhavam força em Angola. Tudo isso, por fim, contribuiu não só para a autonomia das províncias ultramarinas, mas para a queda do Governo Salazar/ Caetano que, após a Revolução dos Cravos, em 1974, pôs fim à ditadura em Portugal.

Estudiosos e pesquisadores do período dizem que os artistas, principalmente poetas e escritores, foram os primeiros a se manifestarem a respeito desses acontecimentos. E

tanto em Portugal quanto em Angola os escritores e poetas tiveram algo em comum: a experiência de guerra como matéria para a composição literária. Portanto, não omitindo as qualidades estéticas de uma obra literária, nossa proposta é observá-la enquanto representação da realidade, ou seja, inserida num contexto; para falar com Michel de Certeau, identificar o seu *Lugar Social* de produção. Mas de que obra e autor estamos falando, uma vez que foram tantos? Estamos falando de António Lobo Antunes, que participou da Guerra de Independência como tenente e médico do exército português, e é também conhecido como exímio romancista. Nascido em Lisboa, em 1942, o escritor português António Lobo Antunes forma-se em medicina especializando-se, em seguida, em psiquiatria. Tendo exercido a profissão de médico, também por conta de ter sido recrutado meses antes para o serviço militar, é convocado em Janeiro de 1971 para a Guerra do Ultramar na condição de Tenente e médico do Exército Português, onde serviu por vinte e sete meses na região leste de Angola. “Vinte e sete meses de angústia e morte”<sup>2</sup>, assim definiu Lobo Antunes sua experiência.



Muitos dos seus romances trazem fatos e reflexões importantes sobre a história contemporânea de Portugal, do governo Salazarista à guerra colonial; com destaque para os três primeiros: **Memória de Elefante** (1979), **Os cus de Judas** (1979) e **Conhecimento do Inferno** (1981), intitulados também de *Trilogia de guerra*, os quais são recorrentes à experiência de guerra do autor. Entre os três, destaca-se **Os cus de Judas**, segundo romance do autor cujo tema é sua experiência no país africano (em que narra desde a chegada em Angola e o que encontrou por lá).

---

<sup>2</sup> ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 p. 194

Quando Lobo Antunes cita os horrores da guerra e sua experiência marcada pela violência e morte, por exemplo, já seriam testemunhos de valor inestimável; mas ainda nos cabe ensinar a aproximação da história com a literatura: ambas narram marcadas por tempos verbais do passado, como bem disse Paul Ricoeur, falam sobre acontecimentos, e ambas presentificam uma coisa ausente – isto é, *representam* (Ricoeur, 1994). Há também uma seleção de fatos e uma interpretação deles: aqui também está presente a história e a literatura; também tangem em outro ponto: ambas (história e literatura) recontam.

Henry Bergson, em **Matéria e Memória**, disse que “lembrar-se é imaginar, mas imaginar nem sempre é lembrar-se. Uma vez que imaginar é o ato de produzir imagens; a lembrança é uma imagem – e a memória, por sua vez, o conjunto delas [a neuropsicologia tem um termo equivalente: *engrama*]. Como conclusão, lembrar é *reproduzir* o passado através de imagens (BERGSON, 1999). Em sendo imagem, segundo Ricoeur, em **A memória, a história, o esquecimento**, a lembrança se aproxima da percepção. E a lembrança, acompanhada da noção de tempo, quando retomada se apresenta entre a ficção: de um lado a lembrança se remete às coisas passadas; do outro, a imaginação, não representando a realidade, associada à ficção. Ricoeur ainda nos diz: “O ‘lembrado’ apóia-se no ‘representado’”.

Ricoeur, em **Tempo e Narrativa**, afirma que “o passado só pode ser reconstruído pela imaginação”. E a reconstrução, marcada por tempos verbais do passado, ocorre por meio da narrativa. Nesse ponto, a história encontra semelhança com a literatura; por sinal, Ricoeur também relembra que um acontecimento histórico não é apenas o que aconteceu, mas o que pôde ser narrado.

Explorando o conceito de anamnêsis em Aristóteles, segundo orientação de Paul Ricoeur, a memória é caracterizada como afecção, tendo em vista a aporia da *presença do ausente*. A questão se coloca da seguinte maneira, de acordo com o autor de **Tempo e Narrativa**:

“de que nos lembramos então? Da afecção ou da coisa de que ela procede? Se é da afecção, não é de uma coisa ausente que nos lembramos; se é da coisa, como, mesmo percebendo a impressão, poderíamos lembrar-nos da coisa ausente que não estamos percebendo? Em outras palavras: como poderemos, ao perceber uma imagem, lembrar-nos de alguma coisa distinta dela?”<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007 p. 36

Conduzindo as abordagens sobre Literatura e História e a relação que as envolve, Paul Ricoeur também promove a aproximação entre memória e narrativa. Nesta relação, face ao problema lançado, a questão permanece: “De que lembramos então?”.

Rita Chaves, em **Experiência Colonial e Territórios literários**, identifica a literatura colonial, atendo-nos à literatura de Angola, como cumprindo um papel social no processo de luta pela independência e para a formação de uma identidade nacional: o autor angolano, a exemplo de Pepetela, pauta-se sob o selo da resistência propondo por meio do exercício literário, não esquecendo sua posição na luta armada, a construção de uma identidade cultural angolana. Edward Said diz a respeito: “O contato imperial nunca consistiu na relação entre um ativo intruso ocidental contra um nativo não ocidental inerte ou passivo; sempre houve algum tipo de resistência ativa e, na maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando” (SAID, 1995; p. 12).

O parágrafo anterior orienta-nos acerca da consciência nacional angolana por meio de práticas culturais como a literatura, seja com Pepetela ou Luandino Vieira, para trazer dois nomes de expressão; o que quer dizer que é mapeado e notório o grande número de publicações em Angola ou adjacências (Congo ou Moçambique, este mais afastado) cujo tema anda em torno da *experiência colonial* – ou pós-colonial como o nome de Ondjaki que se sobressai recentemente mostrando que essa discussão ainda aguarda muitos capítulos. Entretanto, no tocante à própria literatura portuguesa contemporânea, desconheço de uma vasta produção com tema semelhante haja vista a literatura produzida nas províncias Ultramarinas. Senão a do português António Lobo Antunes, o qual se manifestava distante do ufanismo português reconhecendo a dualidade metrópole/colônia, também não depositando confiança no princípio político de defesa do território português sobre as províncias Ultramarinas.

Freud chama atenção para essa relação com o Outro ao dizer que “as guerras jamais podem cessar enquanto as nações viverem sob condições tão amplamente diferentes, enquanto o valor da vida individual for tão diversamente apreciado entre elas”.

É preciso retomar Paul Ricoeur na discussão sobre a produção/estrutura literária de António Lobos Antunes. Retomar o conceito de *estruturas de experiências* empregado por Ricoeur na defesa da história da percepção, edificada por meio de experiências vividas e da narrativa, esta construída de um enredo. Essa história da percepção, segundo Ricoeur, diz do historiador não como enunciador de verdades, puro

racionalista, mas que seus esforços se concentram em historiar experiências (BARBOSA, 1997). Assim sendo, posso considerar numa certa medida as experiências de Lobo Antunes não apenas como fornecedora de conhecimentos acerca de experiências individuais, mas também coletivas considerando abordagens políticas, sociais e culturais.

De acordo com a crítica de Edward Said, em **Cultura e Imperialismo** – onde nos convida a repensar a relação do Ocidente com as suas antigas dependências coloniais e como essa relação esteve representada na literatura europeia produzida no século XX, através de autores como, para exemplificar, Joseph Conrad, Rudyard Kipling, Albert Camus etc. –, o próximo exercício é indicar quais os pontos negativos na narrativa de Lobo Antunes no que se refere à crítica ao imperialismo português e as suas impressões sobre a guerra em Angola.

A crítica divide-se em três partes:

A primeira crítica concerne à estrutura da narrativa: ora, em quais experiências o autor se apóia para construir sua narrativa? Qual a língua adotada pelo autor? Resumindo: Lobo Antunes apesar de utilizar como situações de narrativa os territórios Ultramarinos, dominados politicamente por europeus, neste caso portugueses, ele escreve na língua do país ao qual pertence e para um público ocidental. É para este público que o autor reclama sua consternação e suas críticas à política imperialista portuguesa. Basta lembrar que a princípio Lobo Antunes estava na condição de defensor dos interesses portugueses.

A segunda crítica incorre sobre a forma de sua narrativa ou qual o meio de veiculação da crítica. O romance, forma utilizada por Lobo Antunes para narrar suas experiências na guerra de Angola, guarda laços estreitos com o imperialismo uma vez “que o romance, como artefato cultural da sociedade burguesa, e o imperialismo são inconcebíveis separadamente”<sup>4</sup>. O romance, portanto, está entrelaçado em seu surgimento com o imperialismo e fazem parte, ambos, de uma ocorrência estruturada e ocidental. E para a prática romanesca, foi imprescindível para Lobo Antunes alimentar-se de outros romances com realidades próprias. Assim como é relevante no seu romance a autoridade do autor, do narrador e a disposição dos personagens.

O terceiro ponto da crítica tange à capacidade de Lobo Antunes enquanto sujeito que escreve, ou noção de pertencimento: em quais condições ele pratica a escrita e se o faz

---

<sup>4</sup> SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 109

relewa, de algum modo, dados sobre sua sociedade, sobre seu estilo ou forma que escolheu para viver. Mas o que chama atenção nesta terceira crítica é a seleção do autor: por que ele escolheu descrever sobre determinadas situações, sobre determinados períodos da guerra, por que se valeu de determinadas críticas e não de outras? O que lhe incomodou em determinados comportamentos e qual a sua posição no exercício da escrita e enquanto sujeito das ações por ele descritas? Aqui também se insere uma condição imaginária subjetiva. Segundo Said, a despeito de toda crítica que o autor [evoco aqui Lobo Antunes] tenha feito ele não deixará de caracterizar por meio da *representação* o subordinado como subordinado, o inferior como inferior.<sup>5</sup>

#### A ANGÚSTIA DO NARRADOR:

“Talvez a guerra tenha ajudado a fazer de mim o que sou hoje e que intimamente recuso: um solteirão melancólico”.

António Lobo Antunes, *Os cus de Judas*

Quando se relaciona História com Literatura, a psicanálise surge, uma vez que Freud apontou caminhos à interpretação de obras literárias, como aporte teórico para a investigação do texto literário. E como instrumento de investigação contribuirá na resposta das seguintes perguntas: Quais as impressões de António Lobo Antunes sobre a guerra? E por que das críticas de Lobo Antunes à política imperialista portuguesa? Que visão o autor tem da violência e da morte? Por que a memória da guerra vem pejada de melancolia e angústia?

Em Lobo Antunes o confronto com a memória de guerra, por vezes traumática, recusa qualquer insinuação de esperança – apenas o sofrimento que o narrador confessa é fidedigno. Sua angústia que é peça-chave da narrativa, sua melancolia, e o desespero em que ele se encontra ao colocar-se diante de sua memória, ela que traz sua experiência de guerra.

A memória estilhaçada de Lobo Antunes guarda a *pobreza* dessa experiência de guerra: pois Walter Benjamin chama de “pobres em experiência” os combatentes da Primeira Guerra Mundial que retornavam silenciosos para casa; eles eram “pobres em experiências comunicáveis”, a despeito de as prateleiras estarem repletas por mais de

---

<sup>5</sup> Id. IB. p. 120

uma década de livros sobre a guerra, enquanto que oralmente a experiência não era transmissível.<sup>6</sup>

Para Freud, ao lançar mão de estudos sobre a *sublimação*, a arte cumpre um papel catártico; também o gênero literário romance, próximo do sonho, tornar-se espaço para a realização de fruições. Márcio Peter de Souza Leite, seguindo esta orientação teórico-metodológica, em **O Deus odioso**, aborda a literatura como espaço para a realização de prazeres, onde é possível *derrubar as barreiras do recalque*.

E a noção de pertencimento, de identificação, quando Lobo Antunes demonstra aversão ao governo português e a sua política imperialista, aproxima-se do que Freud chamou, em **Luto e Melancolia**, de “objeto narcísico”, ou o imaginário para Lacan. Através dessa abordagem podemos encontrar uma resposta para a profunda melancolia e angústia presentes na narrativa do Lobo Antunes, este que se denominava *herdeiro de um país desajeitado e agonizante*. Cito-o:

“[...]os patriotas da União Nacional pensam em nós comprando roupa interior preta, transparente, para as secretárias, a Mocidade Portuguesa pensa em nós preparando carinhosamente heróis que nos substituam, os homens de negócios pensam em nós fabricando material de guerra a preço módico, o governo pensa em nós atribuindo pensões de miséria as mulheres dos soldados, e nós, mal agradecidos, alvos de tanto amor, saímos do arame em que apodrecemos para morrer por perversidade de mina ou emboscada, ou deixamos negligentemente filhos sem pais a quem ensinam a apontar com o dedo o nosso retrato ao lado da televisão, em salas de estar onde tão pouco estivemos”<sup>7</sup>

Com o apoio da psicanálise nos cabe mais uma abordagem sobre Lobo Antunes, destacando o romance **Os cus de Judas**. Romance que podemos resumir da seguinte maneira: narrado em primeira pessoa, como um extenso monólogo, o personagem-protagonista relata durante uma noite num bar de Lisboa, para uma acompanhante anônima que não interfere na narrativa, suas experiências de guerra. De forma que não há interferência da personagem que o narrador anuncia, seu testemunho trata-se de um testemunho silencioso; só há o discurso interior do personagem-protagonista. Pela passividade, “a personagem feminina se apresenta mais como eco dos discursos interiores do protagonista do que como interlocutora” (TELLES, 2009; p. 286).

---

<sup>6</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 p. 115

<sup>7</sup> ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 p. 72



Sendo assim, permitir-nos-á relacionar, em **Os cus de Judas**, o narrador como Narciso, fruto de uma violência, e Eco seria a personagem que apenas repete “a dolorosa aprendizagem da agonia”.<sup>8</sup> Dessa forma, o autor só escutaria os próprios lamentos e o grande absurdo da guerra ecoaria renitente. Pois o narrador ao lembrar-se da experiência de guerra, como já foi dito, o faz por meio da imaginação; ou seja, *reproduzindo* imagens. Se Narciso foi vítima da imagem, o narrador de **Os cus de Judas** também é; e *se o espelho nos mostra o que somos e o que não somos*, este ponto de vista nos ajuda a explicar a angústia do narrador português em diálogo com a tradição e o contexto no qual está inserido. Eis o que diz o narrador:

“A cada ferido de emboscada ou de mina a mesma pergunta aflita me ocorria, a mim, filho da Mocidade Portuguesa, das Novidades e do Debate, sobrinho de catequistas e íntimo da Sagrada Família que nos visitava a domicílio numa redoma de vidro, empurrado para aquele espanto de pólvora numa imensa surpresa: são os guerrilheiros ou Lisboa que nos assassinam”<sup>9</sup>

Mais uma vez retomando Ricoeur como referência a análise narrativa, observa-se como António Lobo Antunes representa o passado, e quais imagens escolheu para narrar sua experiência de guerra. No que se refere à incompreensão da guerra, muitas vezes manifestada pelo autor, buscaremos um posicionamento em Lacan; ou como o narrador parecer se questionar: “quais os reais motivos da guerra?”. O tema do Real em Lacan é referência para tratarmos a incompreensão do narrador em relação à guerra, uma vez que o autor não compreende o porquê da guerra; incompreensão que o fez tomado pela angústia pronunciar: “Tudo é real menos a guerra que nunca existiu: jamais houve colônias, nem fascismo, nem Salazar, nem Tarrafal, nem Pide, nem revolução, jamais houve, compreende, nada...” (ANTUNES, 2007; P. 193). Goethe, no clássico *Werther*, nos diz o que uma forte impressão pode provocar: é aquilo que *nenhuma linguagem é capaz de descrever*.

Ao não entendimento da guerra manifestado por Lobo Antunes, atribui-se a ela ou a qualquer conflito (*polemós*) de outra natureza um problema de linguagem ou falha na comunicação, uma questão semiótica. O escritor francês Alexandre Arnoux (1884 – 1973) conhecido pelas narrações e poemas sobre a guerra, disse a guerra tratar-se de uma *falha no campo simbólico*; porque na guerra a conversa é coletiva, e quando há

---

<sup>8</sup> ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007 p. 36

<sup>9</sup> Id. Ibidem. P. 39, 40

muitas vezes elas se misturam e nada se escuta, faltam palavras, não há entendimento e quem fala é o corpo, resultando no embate.<sup>10</sup> A guerra, portanto, é uma ausência de palavras, uma falta de entendimento, uma questão de comunicação.

E durante o ribombar de canhões da Primeira Guerra Mundial, Freud disse poder compensar o que se perdeu em vida na literatura e no teatro; porque ali “encontraremos pessoas que sabem morrer – que conseguem inclusive matar.” Acontece, diz ainda Freud, que na guerra “as pessoas realmente morrem, e não mais uma a uma, porém muitas, freqüentemente dezenas de milhares, num único dia”.

Outra questão relevante diz respeito ao diálogo que Lobo Antunes trava com a tradição e o contexto em que sua obra está inserida. A epopéia de Camões, **Os Lusíadas**, narra a expansão ultramarina portuguesa e o mito da fundação de uma nação coberta de conquistas e glórias, para quem “o mar sem fim”, conforme diz Fernando Pessoa, “é português”. Antunes, de modo inverso, narra o fracasso colonial em Angola e a decadência do império ultramarino português, para quem “meu país”, segundo Lobo Antunes, “é o que o mar não quer”. Lobo Antunes com sua visão poética sabe que aquilo que o mar não quer ele devolve a terra, regurgita, como os guerrilheiros portugueses após o fracasso em Angola lançados de volta a Portugal. Antunes, cidadão português, canta, portanto, uma epopéia do fracasso, do fim.

#### BIBLIOGRAFIA:

ANTUNES, António Lobo. **Conhecimento do inferno**. 6. Ed Lisboa: Dom Quixote, 1983

\_\_\_\_\_. **Os cus de Judas**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007

\_\_\_\_\_. **Memória de elefante**. 9. Ed Lisboa: Dom Quixote, 1983

\_\_\_\_\_. **As naus**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011

---

<sup>10</sup> AMORIM, Claudia. **Estilhaços da guerra na obra de Lobo Antunes e Pepetela**. Acessado em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero7/pdfs/artigo01.pdf>

- AMORIM, Claudia. **Estilhaços da guerra na obra de Lobo Antunes e Pepetela**. Acessado em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero7/pdfs/artigo01.pdf>
- ANDRADE, Ismahêlson Luiz. **Cartas da guerra, António Lobo Antunes: a memória entre a guerra e o sublime**. Acessado em: <http://www.keepandshare.com/doc/1906392/original-pdf-cartas-da-guerra-pdf-may-11-2010-2-47-pm-56k?da=y>
- BARBOSA, Ivone Cordeiro. **A Experiência Humana e o Ato de Narrar: Ricoeur e o lugar da interpretação**. In: Revista Brasileira de História, São Paulo, v.17, n. 33, 1997.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou O ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001
- CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo: Ateliê, 2005
- FREUD, S. **Obras Completas**. Trad. para o espanhol Luís López-Ballesteros y Torres. 1ª edición. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1996. 3V
- RIBEIRO, Gustavo Silveira. **Tornar-se outro: a obra do jovem Lobo Antunes e o romance de formação**. Acessado em: <http://www.omarrare.uerj.br/numero11/pdfs/gustavo.pdf>
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2007
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papirus, 1994. 1t
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papirus, 1994. 3t
- SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- TELLES, L. F., **Narrativa sobre narrativas: uma interpretação sobre o romance e a modernidade (com uma leitura da obra de Lobo Antunes)**, 2009, 550 p, Tese (Doutorado em história e teoria literária na área de literatura portuguesa) – Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009